

Empresários acreditam na queda de juros

A decisão do Governo federal, de fazer com que os bancos passem a operar com juros pós-fixados, contribuirá não só para a redução das taxas atualmente em vigor no mercado financeiro, como para combater a inflação. A opinião é de três líderes empresariais: os presidentes da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) (Firjan), Arthur João Donato, da câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil, João Fortes, e da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), Ruy Barreto.

Para Arthur Donato, que considerou a medida "excelente" e "altamente positiva", os juros pós-fixados têm que ser o início de uma série de providências como, por exemplo, a redução do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), incidente sobre os empréstimos. Ele acredita que a pós-fixação dos juros é um bom indício de que o Governo está apostando no declínio da inflação.

João Fortes vê na medida tomada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) uma tentativa indiscutível de fazer baixar o atual custo do dinheiro. E acredita em sucesso imediato, tendo em vista que haverá combate à insegurança que existe atualmente no mercado, em relação às constantes elevações das taxas de juros. Como consequência, ele acha que a inflação irá declinar, pois os juros são dos componentes mais importantes na composição de preços dos produtos.

Por sua vez, Ruy Barreto acredita que os juros pós-fixados poderão ter grande efeito psicológico sobre o processo inflacionário. Apesar de considerar a providência perfeita tecnicamente, ele não arrisca prever se os efeitos serão imediatos, tendo em vista que "quando as taxas che-

gam a cem por cento, a prática pode contrariar a teoria".

PLENINCO

Os três líderes empresariais participaram, ontem, da abertura da II Reunião Plenária da Indústria e do Comércio do Rio de Janeiro (II PLENINCO), que foi inaugurada pelo ministro Helio Beltrão, representando o Presidente da República. Hoje, no encerramento — para o qual está confirmada a presença do governador Chagas Freitas —, haverá a apresentação do documento final do empresariado fluminense. Na ocasião, o ministro da Educação, general Rubem Ludwig, será homenageado.

Durante o encontro, o empresário João Fortes enfatizou a necessidade de o País manter um ritmo significativo de produção, para evitar o agravamento do processo recessivo e atender ao maior problema nacional, que é manter o nível de emprego. A seu ver, os investimentos em setores produtivos como, por exemplo, as obras de Itaipu, são essenciais ao Brasil.

Lebrando o ex-ministro Roberto Campos, o empresário frisou que há consenso na comunidade econômico-financeira em relação aos objetivos nacionais: falta, apenas, concatenar as divergências operacionais.

Ele colocou-se radicalmente contra os investimentos governamentais improdutivos como, por exemplo, "a construção da nova sede de um banco", mas defendeu as empresas estatais e sua participação na economia:

— As estatais cresceram por uma necessidade nacional, elas foram um agente de um processo de desenvolvimento cujo ritmo não estava ao alcance da iniciativa

privada. As estatais, hoje, só precisam ser disciplinadas.

DÉFICIT DO TESOURO: O VILÃO

O empresário Ruy Barreto, no entanto, não teve dúvidas ao apontar o vilão da inflação: o déficit do Tesouro Nacional, provocado pelos gastos da área governamental. Para ele, o presidente Figueiredo herdou um País que era um "auténtico descalabro" no que diz respeito às empresas estatais e que, apesar do esforço que tem sido feito, "ainda não foi possível ir adiante porque o preço social poderia até levar ao imobilismo econômico da Nação".

— As medidas para controle das empresas estatais devem ser tomadas com cautela, tendo em vista que a importância da participação do Estado na economia é de tal ordem que qualquer medida adotada terá reflexos na iniciativa privada e no campo social, com consequências na área trabalhista.

Ao se referir a outras medidas de combate à inflação, o empresário considerou o corte dos subsídios uma solução econômica certa mas não aceitável politicamente. Um dos fatores externos que têm peso inflacionário é, segundo Ruy Barreto, a distorção provocada pela frustrada expectativa de redução das taxas de juros no mercado americano, durante o segundo semestre do ano.

Mas pior que o protecionismo mundial — declarou — é o fato de as nações desenvolvidas estarem, atualmente, disputando com os países em desenvolvimento mercados nos quais não competiam. Como exemplo, ele citou que as exportações de café solúvel (área na qual ele atua) estão, hoje, enfrentando a concorrência de empresas americanas e europeias.